

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9

TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MELHORAMENTOS RURAIS (2)

VIAS DE COMUNICAÇÃO

No nosso último número tratámos do grave problema das águas às populações rurais e sobre o qual foi discutido e aprovado um projecto de lei enviado pelo Governo à Assembleia Nacional.

Sem dúvida que é um momento de decisão que pede pronta e decidida resolução. Mas não é só esse o que afecta a vida das populações rurais. Hoje vamos focar outro também de vital importância — o das vias de comunicação.

Quem conheça um pouco o campo e neste vocábulo encorpamos toda a região rural com as suas planícies e os seus acidentes, sabe as dificuldades, e muitas vezes até a impossibilidade, de se deslocar alguém de um lado para o outro. São caminhos intransitáveis, as conhecidas veredas, marcadas pelo trilho aberto e calcado por passo de homens e animais através

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Incompatibilidade

Ouvi dizer não há muito que com os dólares gastos numa bomba atómica se poderiam construir dez sanatórios quarenta estádios e oferecer uma woradta a cada um dos habitantes de metrópoles com um milhão de pessoas.

Ena pai! Eu já me estou a ver numa casa minha (essa a que vulgarmente nós chamamos casinha) Um alegrete com flores (cravos! na matoria, cravos! Es- (Conclui na 2.ª página)

de matos e rochas. São barrancos muitas vezes caudalosos e de margens escarpadas sem pontos de segurança por onde vadé-los. São ribeiras sem pontes com simples poldras que são uma ratoeira perigosa para quem não tenha equilíbrio de funámbulo.

Não se compreende que na nossa época em que a velocidade ultrapassa de muito o som, em que as viagens à Lua são já uma fundamentada esperança, haja quem para se deslocar, às vezes a curta distância, tenha

(Conclui na 3.ª página)

UM JORNALISTA ITALIANO



ESCREVE SOBRE O ALGARVE

- O MILAGRE DAS AMENDEOIRAS EM FLOR
- O VALOR TURÍSTICO DO ALGARVE
- O POVO DO ALGARVE

e negros, como as noites sem luar.

Oriunda de distantes terras nórdicas — conta a lenda — uma bela princesa sarracena sentia a nostalgia do seu país natal, onde a neve imaculada cobria a imensidade do solo, resplandecendo ao sol.

Ali no Algarve, onde o seu amado esposo, o gran-vizir era o senhor poderoso, naquelas longas tardes de inverno, tudo era verde, tudo era vegetação. E a bela princesinha sofria a nostalgia das estepes de neve do seu país longínquo. E de tanto pensar e sofrer, adoeceu por fim dum mal desconhecido. Os doutores nada puderam fazer; era um mal incurável,

NÃO é já a primeira vez que se fala das lendas de Portugal, que tão profunda impressão deixam no espírito curioso do turista estrangeiro que visita a Terra Lusitana. E aquele que chega até à meridional província do Algarve, fica extasiado ao contemplar em pleno inverno, no nevoso mês de Janeiro, os extensos campos de brancas flores como a neve. E fica encantado com a história do Algarve, com a lenda das suas amendoeiras em flor e da sua princesinha moira de belos olhos tristes

de nostalgia... e a pouco e pouco se extinguiu a bela princesa.

(Conclui na 4.ª página)

O VALOR TURÍSTICO das Caldas de Monchique

REALIZOU na Sociedade Médica, o Sr. Dr. José de Portuguesa de Hidrologia Sousa Costa, ilustre algarvio e distinto director clínico das Caldas de Monchique, uma interessante conferência, subordinada ao título «As Caldas de Monchique. O seu passado. O seu presente e o seu futuro».

Presidiu o Senhor Dr. Marques da Mata, ladeado pelos Srs. Dr. Alberto de Sousa, Major Mateus Moreno, em representação da Casa do Algarve e o Sr. Dr. Amaro de Almeida e Celestino da Mata.

A sala encontra-se completamente repleta, predominando a colónia algarvia, visto tratar-se das Caldas de Monchique, estância tão querida dos algarvios e por cuja melhoria e progresso há tanto tempo aguardam dos poderes públicos. A conferência do nosso ilustre comprouviciano Sr. Dr. José de Sousa Costa, foi a todos os títulos interessante e valiosa, por ter focado não só a sua história, o valor terapêutico das suas águas, mas ainda o seu elevado valor turístico.

A sua exposição foi feita numa bela dicção, a que não faltou um agradável recorte literário, a amenizar e a embelezar a sua interessante e proveitosa conferência. Na impossibilidade de a reproduzir na íntegra, damos aqui alguns tópicos e passagens da mesma:

«Foram as obras de captação das nascentes e sua protecção, que arrastaram desde 1941 a 1951 que puzeram a descoberto, em 1942, primeiros restos de tinas trabalhadas ao jeito romano cuja destruição pelos trabalhadores se não cuidou de evitar e, depois,

tijolos telhas curvas, condutas de água, — uma delas de chumbo de arestas unidas por rebatimento — inúmeros fragmentos de lucernas, algumas graciosamente ornamentadas; cornucépias, uma estatuetta e um braço de bronze, uma pequena e frágil palma de ouro, e fragmentos de mosaico em «opus vermiculatum», cinzentos amarelos e vermelhos. E no dia 22 de Setembro de 1945, posso fixar o dia por ter sido na

minha presença, apareceu uma ára com inscrição votiva «às águas sagradas», muito semelhante na forma à que foi encontrada em Monte Real, um anel de bronze e várias moedas dos imperadores já citados e, ainda, de Cláudio, Máximo, Filipe e Otacília.

Todos estes objectos que se guardam, provisoriamente, no edifício que serve de consultório

(Conclui na 4.ª página)

CONVERSANDO



Pelo nosso Redactor-Delegado em LISBOA — EMÍLIO VALONGO

ESTA ausência a que me vejo obrigado a ter de quando em quando com o reduzido número dos meus leitores, dá-me a oportunidade de constatar que esta «conversa» agrada a gregos e troianos. É bem melhor esta recompensa moral do que o esquecimento total. Contudo, há os que relevam esta falta para a falta de tempo e os que exclamam ser por falta de assunto. Ora aquele meu leitor habitual sabe que esta segunda hipótese entra no campo absurdo das coisas inúteis, porquanto ser possuidor duma fábrica imaginária de historietas reais...

Tal oportunidade de agradarmos ou não a todos quantos nos escutam ou vivem diáritamente connosco, já não é muito fácil. Há os que confiam em nós, mesmo quando atravessamos o caminho «não» da estrada da Vida, e há os que, ou por hábito ou por pessimismo, desconfiam e sentem prazer em derrotar o nosso outro «eu» que continua vivo, de pé, para a luta, sem desânimos.

A vida — esta actual, mecanizada, febril — é dos calmos. Hoje, sentimos a derrota. Olhamos o sol que morre para lá dos bicos ponteados dos prédios, e quase perecemos com ele. Amanhã, seremos mais fortes: o sol também caiu e levantou-se para iluminar todos nós. Nós, os eternos jogadores da força do destino, temos que

continuar de pé. Não vamos deixar pender os braços, deixar que o desânimo se aposses de nós; a nossa força oculta da persistência há-de vencer. Não vamos dizer que «não vale a pena», porque tudo na vida vale a pena; e não nos obcecamos pela tristeza da derrota, porque a derrota é um

(Conclui na 3.ª página)

FESTIVAL DAS AMENDEOIRAS EM FLOR EM ITÁLIA

► PORQUE NÃO UM IDÊNTICO FESTIVAL NO ALGARVE?

NA cidade siciliana de Agrigento está a preparar-se com febril entusiasmo o tradicional Festival das Amendoeiras em Flor, que se realizará no dia 14 de Fevereiro e no qual participam os pitorescos ranchos folclóricos da ilha, como o de Messina, Palermo, Siracusa, Trapani Petralia, etc.

Este ano tomarão parte no Festival os mais típicos grupos folclóricos de numerosas nações, entre as quais a Áustria, Bélgica, Portugal, França, Alemanha, Inglaterra, Filândia, Jugoslávia.

Ao melhor classificado será atribuído o prémio «Templo de Ouro».

A nossa Província tão rica, em folclore, com os cenários magníficos das mesmíssimas amendoeiras floridas, mas ainda com mais profusão e encantamento de um sol doirado que a todos des-

lumbra, permanece no mutismo de apresentar aos milhares de turistas que nos visitam nesta época, a queda e muda contemplação das amendoeiras floridas.

Porque não um idêntico Festival da Amendoeira em Flor? Festival de orgulho (Conclui na 3.ª página)

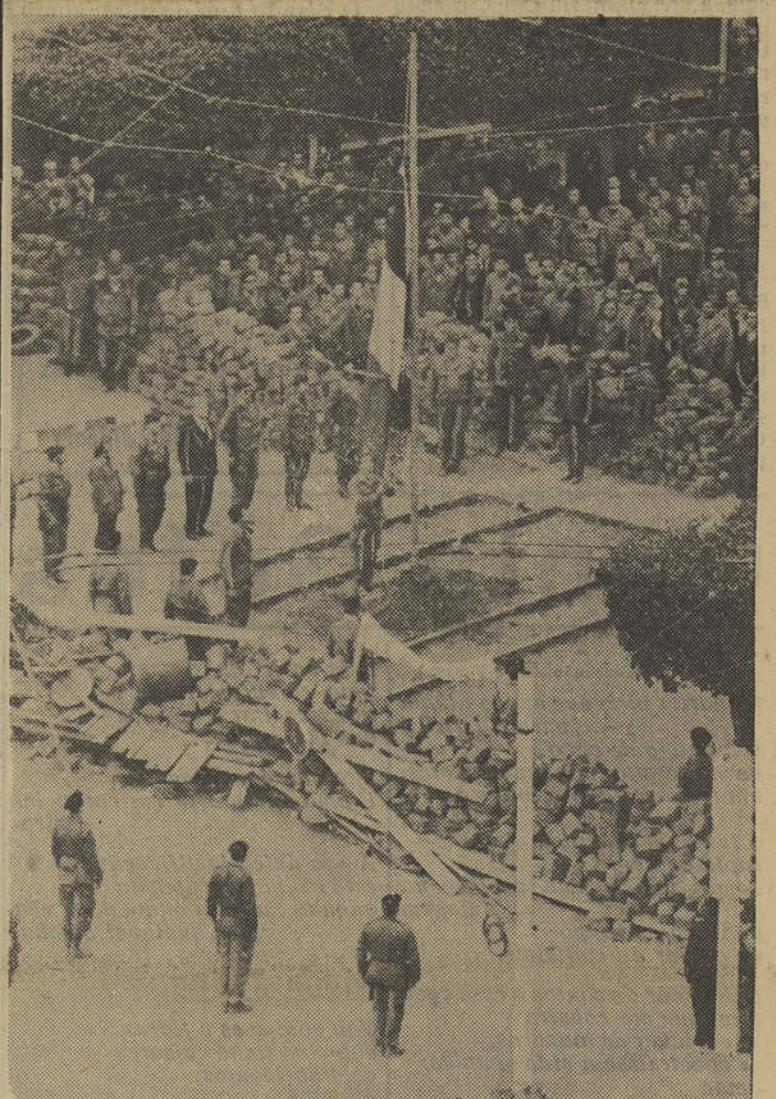


IMAGEM impressionante esta que correu mundo e que ficará para sempre no coração da França: o izar da bandeira tricolor em território argelino. Ao fundo, os insurrectos; do lado de cá, os paraquedistas encarregados de manter a ordem.

ALGUNS SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA DA PRAIA DE MONTE GORDO

(1) ESTÃO em curso as Comemorações Henriquinas, fulcro da nossa epopeia marítima, que por forte elo se acham ligadas ao nosso Algarve.

Sagres e o Infante, irmanam-se na mesma sentimentalidade, no mesmo heroísmo, no mesmo levantamento Pátrio da sua expansão e do misticismo da Pátria Portuguesa.

Recordar é viver e ressurgir as pedras da nossa Imorredora História, dos seus valentes, dos seus guerreiros que nos legaram com firmeza todo este torrão bendito, é recordar neste momento o elo forte que liga o promontório Sacro com a nossa terra, com o nosso concelho e com a sua vida, sempre a vida do mar, do heroísmo, do labutar constante do Algarve piscatório, das suas costas ricas de peixe, tão ricas que nos fazem lembrar aquele nome antigo do povo próximo: Monte de Ouro. Monte de Ouro, ouro de peixe

nas suas múltiplas cintilações do prateado, que nos dá a vida fabril que anima o nosso concelho, parecia já querer adivinhar quanto viria a ser valioso para a economia de todo o concelho de Vila Real de Santo António.

E hoje que Monte de Ouro se denomina de Monte Gordo, não deixamos de o ligar ao Infante D. Henrique, tomando por base uma antiga carta do «doutor João dossem, do nosso concelho e chanceler mór», em que era mostrada a D. Afonso a validade de ser entregue ao «Infante D. Henrique a dissima nova de todo o pescado, que pescaram quaisquer pessoas no mar de Monte Gordo, a qual foi lançada per azo das galees».

Por último e seguindo os ditames da velha Monografia de Vila Real de Santo António, do erudito Francisco Xavier Athaide de Oliveira, e apesar de Vila Real de Santo António superar, pelas suas condições o nome de Monte Gor-

do, parece contudo que o nome desta praia englobava o actual concelho desta Vila e parte de Castro Marim, pois existe uma doação de várias terras a Vasco Lourenço e sua mulher e seguidamente no livro 19 da Chancelaria da ordem de Santiago encontra-se registada uma Provisão de licença ao Padre Domingues Dias da Ronseca para a edificação de

(Conclui na 4.ª página)

REFÚGIO ABOIM ASCENSÃO

Com grande solenidade realizou-se no dia 31 do passado mês de Janeiro, a tradicional festa comemorativa do aniversário da benemérita instituição de Faro, Refúgio Aboim Ascensão.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Sguiu para Lisboa a fim de embarcar com destino a Luanda, o nosso estimado amigo sr. José Armando Ribeiro Rosa.

A assistir à tradicional festa do Refúgio Aboim Ascensão, esteve em Faro o nosso prezado assinante sr. eng. Manuel Aboim de Ascensão Sande Lemos.

Pedido de casamento

Pela sr.ª dr.ª D. Maria dos Anjos Sequeira Fernandes e pelo sr. dr. Matias Colaço Fernandes, distinto juiz de direito em Alcácer do Sal foi pedida em casamento para o sr. José Sequeira Colaço Fernandes, muito estimado médico municipal em Vila Nova de Caxela, a sr.ª D. Maria Del Carmen Domingues Ramirez, filha da sr.ª D. Isabel Dominguez Garcia Ramirez e do sr. João Cumbreira Ramirez, importante industrial e proprietário nesta vila.

O feliz enlace deve realizar-se em Abril próximo.

Nascimento

Na sua residência em Vila Real de Santo António no passado dia 6 do corrente, deu à luz com muita felicidade uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Rosa Ruivo Rocha Cruz, esposa do nosso Director-Adjunto sr. Armando António de Mendonça Rocha Cruz a quem apresentamos as nossas felicitações.

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª Parte)

*tandartes viris que nunca olham
(para a terra!)*

*Um palmo de chão
para exercitar minhas sementes,
um tecto voltado a todas as es-
[trelas,*

*o fumo da chaminé
rápido e negro
como alguém que ansioso na
[viagem*

*não tivesse tempo
de cuidar da «toilette».*

*Sei de cor os cantos a essa casa
à tal que me caberia
se em lugar de loucuras,
se construísse a vida simples:
amar
trabalhar
sonhar...*

*E agora já percebem a razão da
incompatibilidade que existe en-
[tre mim e a Bomba H.*

Não é Um Poema

*O que vou dizer
não pode chamar-se um poema.
Longe de mim, ali
que sei apenas exclamar
gritar
seguir com o olhar o vôo das
[aves
e perdê-lo a seguir...*

*A miúda das barbaças
que pede esmola à esquina
desta rua
(vocês conhecem, aquela que o
velhote deixava num calxote de
sabão quando pequeninha...)
a miúda, cujos olhos tão sérios
nos fazem ter remorsos dela
e nos obrigam a interrogar a
[sério*

*a vida
pois a miúda, a miúda tão
[miúda,*

*tã de trapos,
que as pessoas se esquecem de
[chamar-lhe menina,
a menina do velhote vi-a hoje
sentada no passeio
a embalar a boneca
que lhe dei no Natal*

CANTONEIROS

Referiu-se há poucos dias no Parlamento um senhor Deputado à situação dos cantoneiros que para ganhar a vida têm de trabalhar de sol a sol.

Não se concebe esta intolerável situação num país que sustenta há muito o regime de oito horas de trabalho diário e que previdenciário há pouco para que os funcionários públicos tivessem livre a tarde de sábado para recreios e para acudir a necessidades da sua vida particular.

Notícias do Algarve que já levantou voz pelos Regentes Escolares anuncia-se áqueles que querem reabilitar os cantoneiros como funcionários do Estado garantindo-lhe os direitos que estes usufruem.

Não estamos, felizmente nem queremos estar em regime de cartas com lugar para os párias.

O Estado tem de olhar como filhos todos os que o servem e não pôr águas à margem como se de enteados aborrecidos se tratasse.

CASA - aluga-se

Na Avenida da República com seis divisões.

Dirigir à Rua Matias Sanches, 44.

Vila Real de Santo António

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 16 do mês de Fevereiro, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de Execução Sumária que António Lopes, casado, comerciante, residente na aldeia e freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, move contra Silvestre Miguel Teixeira, solteiro, maior, proprietário, residente no Monte de Pero Dias, freguesia de Martinlongo, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, em primeira praça e pelo maior lance oferecido acima do seu valor matricial, do prédio a seguir identificado, penhorado ao referido executado.

Prédio a Arrematar

O direito a metade em uma courela de terra de horta com árvores, no sítio do Serro da Azinheira, nos subúrbios de monte de Pero Dias, que confronta pelo norte com o Barranco do Montinho, sul com Francisco Miguel, nascente com os próprios e do poente com Silvestre Teixeira, descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.511, a fls. 101, do Liv.º B n.º 18 e inscrito na matriz respectiva sob o artigo n.º 1.442 e com o valor matricial corrigido correspondente de 238\$50.

Vila Real de Santo António, 18 de Janeiro de 1960.

O Chefe da Secção
Regino Augusto Lança

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Victor Manuel Leite Marreiros

PIPAS

De castanho, antigas, de várias capacidades, vendem-se na Quinta das Várzeas, sítio da — ALTURA

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António Casino de Monte Gordo

Aceitam-se propostas para exploração, durante 3 épocas balneares consecutivas, até às 15 horas do dia 2 do próximo mês de Março do ano em curso.

As condições encontram-se patentes na Secretaria deste Corpo Administrativo e fornecem-se aos pretendentes.

Vila Real de Santo António, 30 de Janeiro de 1960.

O Presidente da Câmara,
Matias Sanches

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 29 de Janeiro a 5 de Fevereiro

Entrados:

MARIA CHRISTINA, de 549 ton., e MIRA TERRA, de 562 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios.

JULIA MARY, Holandês, de 384 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

PENTHIÈVRE II, Francês, de 2.630 ton., com folha de flandres, de Nantes.

SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com gásóleo.

GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

Saiões:

JULIA MARY, com alfarroba para Avonmouth.

PENTHIÈVRE II, com carga em trânsito, para Oran.

MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.

MARIA CHRISTINA, com enxofre, para Lisboa.

SHELL ONZE, para Lisboa, vazio.

GRANDSON, com conservas, para Génova.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 6 a 12 Fevereiro a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

As mais lindas Rosas As mais famosas árvores de fruto

As melhores sementes de flores e de horta



Bolbos, insecticidas, fungicidas, arvoredos, construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

Moreira da Silva & Filhos, Lda.
Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LISBOA

na Tabacaria Antunes & C.ª

Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

Carnaval de 1960

Serpentinas, confeti, máscaras, brinquedos, surpresas, artigos para bailes, e FOGOS DE ARTIFÍCIO PRÓPRIOS PARA CARNAVAL, aos melhores preços. Catálogo grátis, com preços especiais para revendedores.

Dirijam-se ao armazém especializado nestes artigos de:

ANTÓNIO TORRÃO
COVILHÃ Telefone 22504

CABELEIREIRA

Júlia Rosa Parra, participa às suas estimadas clientes, que vai abrir brevemente o seu salão na rua Dr. Miguel Bombarda n.º 22 (frente à Farmácia Silva) deslocando-se a Lisboa, a fim de tomar conhecimento de assuntos relacionados com a sua arte.

Assinai e Propagai o "Notícias do Algarve"

Limpo com Vim...

é um espelho!



O meu fogão está impecável!

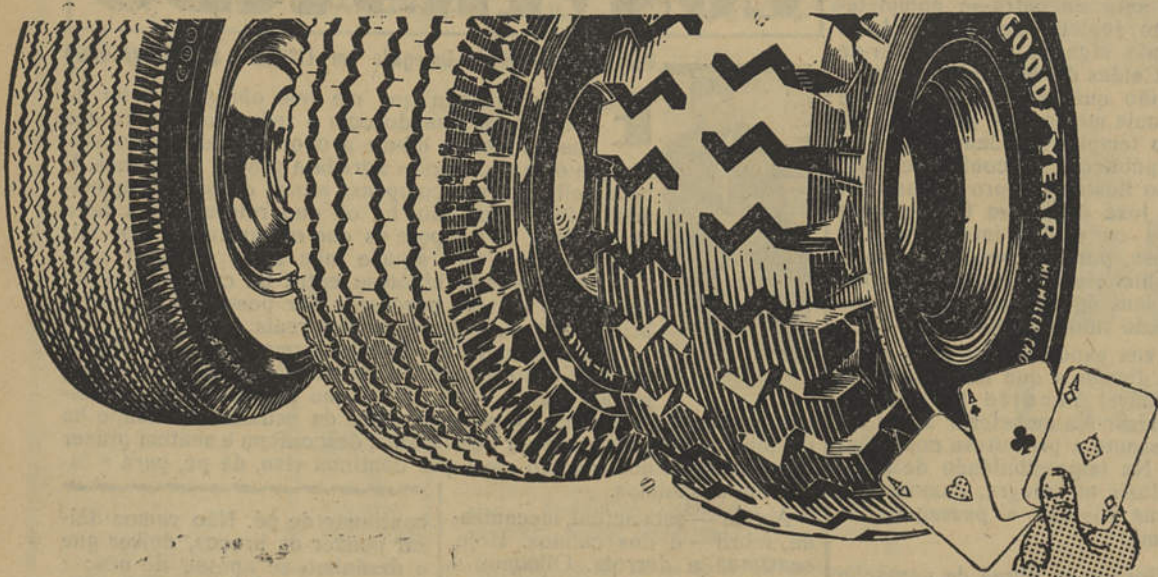
Com Vim não há limpezas difíceis! Um pouco de VIM num pano húmido ou no esfregão habitual, esfrega-se e... pronto! Tudo fica cintilante de asseio, impecavelmente limpo. Vim, desengordura e limpa num instante. Alumínios, azulejos, banheiras, esmaltes e lavatórios, limpos com Vim, brilham como novos!

Vim
limpa e faz brilhar
tudo no seu lar

Limpa e faz brilhar
Tudo no seu lar!

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. — SACA VEM

60-VM-05



AGENTE AUTORIZADO:

M. SALVADOR VAZ PALMA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 76

GOOD YEAR

Tem orgulho de apresentar...
os três ases!

SUPER CUSTOM Elegância, Segurança, Conforto

TRACTION HI-MILER Economia em serviços gerais

HI-MILER CROSS RIB Mais quilómetros por escudo



DESPORTO



CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	15	13	1	2	34-13	27
Oriental	16	10	4	2	27-13	24
OLHANENSE	16	11	—	5	36-13	22
PORTIMONENSE	16	10	—	6	43-24	20
FARENSE	16	8	3	5	32-18	19
LUSITANO	16	6	5	5	31-27	17
Montijo	16	7	2	7	29-29	16
S. L. Olivais	16	7	2	7	30-30	16
Desp. Beja	16	6	2	8	22-29	14
Juventude	16	4	5	7	28-37	13
Serpa	16	5	2	9	25-41	12
Almada	16	5	—	11	19-29	10
Estoril	16	4	2	10	22-34	10
Arroios	16	2	—	14	20-61	4

Jogos para hoje: OLHANENSE-Arroios; Beja-LUSITANO; Juventude-Montijo; PORTIMONENSE-Barreirense; Oriental-FARENSE; Estoril-Almada; Olivais-Serpa.

UMA AQUISIÇÃO DE 110 CONTOS PARA O S. C. OLHANENSE

Os dirigentes do Sporting Clube Olhanense num desejo muito louvável de engrandecerem cada vez mais o Clube, acabam de fazer mais uma aquisição no valor de cento e dez mil escudos, mas em bilhares...
 Desta vez não é na aquisição de jogadores mas sim em bilhares, pois, o clube pensa em Março reabrir a velha sede como salão de jogos.
 Eis uma iniciativa, mais uma para juntar a tantas, dos dirigentes olhanenses.

COMENTÁRIOS À TAÇA DE PORTUGAL

RELANCE DA JORNADA

Nesta primeira mão da segunda eliminatória da Taça de Portugal — esta época com novos moldes — não houve surpresas de vulto, embora se registasse alguns resultados curiosos.

Curioso, foi sem dúvida, o desfecho, do embate entre os algarvios de Portimão e os minhotos de Viana do Castelo. Pode-se considerar normal o resultado verificado no embate entre barreirenses e olhanenses.

Como é do conhecimento geral os farenses ficaram isento desta eliminatória enquanto que lusitanistas «descansam»...

A PRIMEIRA MÃO DA SEGUNDA ELIMINATÓRIA DISSE:

No Barreiro

Aproveitando a nossa estada na Capital do Império, deslocámo-nos até à progressiva e laboriosa vila do Barreiro, afim de assistirmos ao encontro entre barreirenses e olhanenses.

Em abono da verdade, diga-se desde já, que a técnica esteve ausente, pois nenhuma das equipas em luta — composta por elementos tecnicamente valorosos — tentou jogar como mandam as regras.

Não andaremos longe da verdade se dissermos que tanto o Barreirense como o Olhanense pareciam autenticas equipas do meio da tabela, especialmente no que se refere à actuação do onze local, uma formação vinda da I Divisão...

Jogando um futebol mais prático, os locais mereceram o triunfo pela marca de dois tentos a zero, pois, actuando com muita rudeza, os defesas marcaram bem os avançados visitantes que

nunca se encontraram, destacando-se, por vezes, apenas o ex-académico, André.

Do Barreirense destacamos toda a linha atacante com relevo para o jogador Mascarenhas.

No Olhanense que se exibiu abaixo das suas possibilidades, o melhor jogador foi REINA, seguido por Luciano e Casaca. O guarda-linha Abade realizou algumas paradas de excelente efeito, sendo, no entanto, e quanto a nós traído no segundo golo...

Aliás Abade jogou de maneira a merecer boa nota, porquanto o golo que «regalou» aos locais foi compensado, como a cima se diz, por três grandes defesas, daquelas que se diz: GOAL...

A arbitragem do sr. Jaime Pires, embora sempre criticada por gregos e troianos, merece quanto a nós a classificação de boa, pois, não prejudicou o resultado.

Em Portimão

Não esperávamos que os portimonenses cedessem um ponto no seu próprio campo frente à equipa do Vianense. E não esperávamos atendendo à classificação que ambos ocupam, respectivamente, nas suas zonas.

Afinal aconteceu aquilo que menos esperávamos e que foi um empate a uma bola.

Coisas do futebol a que as equipas considera-

das favoritas estão sujeitas. O resultado, segundo, as crónicas em jornais desportivos, é lisonjeiro para os minhotos, pois a equipa de Fernando Cabrita exibiu-se de molde a merecer a vitória...

No último número havíamos dado uma vitória do Portimonense e por margem a encararem o jogo de Viana do Castelo com algumas esperanças. Assim não aconteceu...

A DÉCIMA SÉTIMA JORNADA QUE DIRÁ?

Prosseguem hoje os Nacionais de Futebol, e as equipas algarvias defrontam as seguintes formações:

Em Oihão, os locais recebem o conjunto do simpático Arroios de Lisboa, a quem devem ganhar e folgadoamente, diga-se de passagem...

Em Portimão, os barlaventinos defrontam os barreirenses num jogo que está a despertar enorme entusiasmo. De resultado incerto este embate, embora confiemos nos algarvios...

Em Lisboa, os orientalistas defrontam o conjunto do Farense a quem ganharão se realmente ganharem por uma margem tangencial...

Em Beja, conseguirão os lusitanistas cometerem a mesma proeza, alcançadas pelos alentejanos quando do jogo em Vila Real de Santo António? Um empate, é muito possível...

Herculano Valente

CONVERSANDO JAZIGO

(Conclusão da 1.ª página)

mito; e não vamos agora deitar culpas ao destino ou à pouca sorte — porque o destino e a pouca sorte são mentiras.

Positivamente, não há destino nem horas de azar como muitos mortais querem demonstrar aos olhos do mundo; nós próprios temos esse destino, essas horas de azar que nos ofusca os próprios passos. Nós próprios, com os nossos prazeres fáceis, as nossas levandades, as nossas inconsciências, somos a fonte de tudo quanto podemos ter na Vida. E ela (a vida) dá-nos muitas oportunidades para provarmos o que valem e que somos mais fortes do que o próprio destino.

Eu não gosto dos que, atirados para o abismo do infortúnio, se queixam do destino e da má sorte. Eles próprios, fizeram o caos da sua desventura; e não têm coragem para confessar: «Fui eu o causador!».

É o caso duma mulher que há dias, entre dois goles de aniz sem marca, exclamava, meio sorridente, para um comparsa de samarra e de botas à montanheiro: «Só por causa da minha filha eu ando aqui; é o destino, qu'ê que a gente hà-de fazer!». É o caso do automobilista que, espatifando o carro numa rua movimentada e sem possibilidades de «alibi», exclamou: «Já é azar! Ainda a semana passada»...

Aquela queixa-se do destino e este da pouca sorte. Dois exem-

plos flagrantes que se adaptam a todos nós quando presentimos a falta de coragem de confessarmos o nosso próprio fracasso. A imbecilidade que vive e domina o nosso ser e o medo de encarmos com a derrota — não nos deixam falar.

Mas tudo isto é complexo de mais para mim...

Emílio Valongo

Vende-se o direito a metade do n.º 3364 rua 21 no Alto S. João, (Lisboa).

Dirigir-se a Juviano Mendonça (Motorista)

TAVIRA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Anúncio

Faz-se público que no dia 1 de Março próximo, pelas 15 horas, na sala de Reuniões do Concelho de Administração destes Serviços Municipalizados, perante a Comissão para esse efeito nomeada, se procederá ao concurso público para a arrematação da obra de construção de um Posto de Transformação em Monte Gordo.

Base de licitação . . . 32.827\$90

Depósito provisório . . . 820\$70

O Programa do Concurso e Caderno de encargos estão patentes na Secretaria destes Serviços Municipalizados, todos os dias úteis durante as horas de expediente.

Vila Real de Santo António, 3 de Fevereiro de 1960.

O Presidente do Concelho de Administração,
 Pedro Martins Socorro

VIAS DE COMUNICAÇÃO

(Conclusão da 1.ª página)
 de correr riscos e demoras incomportáveis.

As boas vias de comunicação são as artérias largas por onde corre o sangue estuante da vida moderna.

Quer o lavrador levar aos seus campos as sementes e os adubos, quer transportá-los também dos mercados onde eles se encontram e não têm os seus carros por onde possam passar com firmeza.

Quer o pai aflito correr em busca do médico ou do remédio que lhe salve a vida do filho querido e tem de recorrer a uma cavalgada que o leve por trilhos que orlam precipícios. Tem de se transportar um cadáver à terra sagrada do cemitério e tem de ir a dorso de besta, entre molhos de palha, sujeito a todos os ultrajes dos riscos porque outro meio não há para o conduzir.

Automóveis e camionetas são ainda para muitas localidades meios de transporte de que se fala como quem ouve falar de um sonho, porque não há caminhos que lhes sirvam.

No tempo que decorre, em que

o progresso fulgura, parece isto impossível mas são duras realidades.

Têm as Câmaras Municipais a seu cargo as estradas municipais e os caminhos vicinais. São muitas delas pobres, tão pobres que os seus créditos mal dão para cobrir os vencimentos dos indispensáveis funcionários.

Como podem elas acudir a estas instantes necessidades? Apelo para a comparticipação do Estado?

Mas se elas são de uma desnudada pobreza como podem apresentar as importâncias para as comparticipações?

E está aqui neste ponto a razão e a exploração do atraso de muitas regiões.

Quem tem bons rendimentos por virtude de adiantadas e modernas indústrias, desenvolvido comércio e farta agricultura, pode pedir comparticipações que lhe não falta dinheiro para contrapor. Mas os mesquinhos, muitos em terras sem sáfaras, possibilidades de indústria, comércio ou sequer agricultura?

Resta-lhes definharem-se e morrer sem possibilidades de irem em seu auxílio.

Festival das Amendoeiras NA ITÁLIA

(Conclusão da 1.ª página)

pela nossa Província estar coberto de tão agradável neve, tão perfumada, tão bela!

Que as entidades que superintendem no turismo da nossa Província, pensem nas festas que dentro de dias se estarão realizando na cidade de Agrigento e pensem também quanto, elas poderiam representar para a valorização turística da nossa Província.

E lá está a cidade, sorvedouro voraz e fatal que recebe todos os que querem fugir ao seu cruel destino.

Se o fornecimento das águas se situa em primeiro lugar nas necessidades das populações rurais, este, das vias de comunicação, segue-se-lhe logo em urgência de resolução.

Reparar pelas populações rurais, acudir-lhes com carinho e solicitude, é velar pelo cerne da Nação, o qual elas são.

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A

LISBOA TELEF. 51695

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

(Conclusão da 1.ª página)

Um dia, inspirado, o vizir fez plantar à volta do palácio milhares de amendoeiras. E numa manhã fria e agreste de Janeiro, um espectáculo encantador se deparou, como uma benção do céu, ante os olhos maravilhados da princesa: tudo era branco, duma pureza imensa... miraculosa miragem dum extenso lençol de neve. Eram as amendoeiras em flor, como milhares de alvos toucados que numa apoteose de luz se confundiam com o esplendor do Astro-Rei.

Sorria o sol brilhando nos olhos da princesa e duas grossas lágrimas rolaram... era o mal que se ia, era a vida que voltava.

Muitos séculos se passaram, mas desde então, em todos os invernos o Algarve se apresenta como um campo argenteo, numa apoteose de miríades e perfumadas flores singelas, numa pureza branca que faz ainda lembrar a nostalgia da bela princesinha dos olhos tristes e negros como a noite sem luar...

Quase infantil, esta lenda que o povo evoca numa comovida ingenuidade, deixa transparecer nos factos reais, o milagre repetido todos os anos em Janeiro, em plena época invernal.

— O Maravilhoso Algarve

É um espectáculo maravilhoso que o Algarve oferece ao turista que visita esta encantadora província do sul de Portugal, que compreende toda a região costeira, a oeste do Guadiana, rica de maravilhosas praias, de graciosas estâncias balneares; acariada pelas águas quentes e cristalinas do Oceano, lugar paradisíaco, onde milhares de banhistas

se refugiam da ardência do sol escaldante da cidade.

Os modernos veraneantes, com os seus costumes cosmopolitas, não tiram ao Algarve a beleza típica local; fazem pelo contrário realçar mais ainda a atracção natural da paisagem, que nada pode mudar.

Pelas suas condições climáticas, pela beleza panorâmica dos seus campos e das suas colinas verdejantes, pela fertilidade do solo com os seus deliciosos frutos, abundante de saborosas brancas figos, de alfarroba, de sumarentas laranjas e de gostosas amêndoas; pela sua rica natureza o Algarve é com justiça considerado uma das regiões mais interessantes e atraentes de Portugal.

É uma região viva e festiva, com as suas claras aldeias, vilas e cidades, animadas e alegres, com as suas casinhas brancas cheias de sol e de luz, sobressaindo candidamente no verde delicioso dos jardins.

Cada lugar tem a sua particularidade, as suas recordações, a sua arte, a sua própria actividade, desde, a industriosa Vila Real de S. António, perto da foz do Guadiana, com o seu plano rectangular de ruas iguaizinhas que é um aglomerado de fábricas, ao sul da histórica Castro Marim, e continuando pelo oeste até Tavira, passando por Olhão, famoso centro da pesca do atum, chegamos a Faro, importante capital da região; depois Loulé com os seus alegres e famosos festejos carnevalescos; atrás fica-nos S. Brás de Alportel, com uma magnífica e acolhedora pousada, encantadora na sua luxuriante verdura de campos e jardins que reúne todas as belezas da natureza. E mais além Silves, outrora elegante capital dos sarracenos com o seu castelo moirêsco, e as laboriosas Portimão e Lagos e ao longo da costa, as pitorescas praias como Albufeira, Quarteira, Armação de Pera e a maravilhosa praia da Rocha, que o algarvio com orgulho, considera a mais encantadora e atraente de Portugal.

No interior da região domina o magestoso Monchique, com o seu elevado cume que parece tocar o céu, ao qual se chega por uma esplêndida estrada — atravessando as antigas e famosas termas locais — e do qual se domina toda a região, gozando um admirável e vastíssimo panorama até ao Guadiana; e a oeste, até ao mar, até ao extremo canto de Portugal, o Cabo de S. Vicente, à histórica Sagres. Ali, os olhos da fantasia podem ainda ver as caravelas portuguesas que há 500 anos partiam em demanda do mundo, orientadas pelo grande impulsionador das descobertas de Além-Mar, o Infante D. Henrique, que todo o Portugal, fiel às suas tradições e num reconhecimento pelo Filho que o fez Grande, se apresta a honrar este ano, comemorando com grandiosos festejos o seu V Centenário.

O Povo do Algarve

Tudo é belo, histórico e comovedor, nesta generosa província do Algarve.

O turista encontra ali um povo, gente boa, dotado de um carácter afectivo e sincero que o acolhe, não como estrangeiro, mas com uma hospitalidade muito sua, com uma simplicidade que vem do coração e toca o mais céptico realista.

Laborioso, o algarvio dedica a sua actividade ao penoso labor do arado, a uma singela produção artesã, às afanosas e perigosas lides do mar e à indústria das conservas de peixe.

E assim, com o seu labor, sustenta o lar e dá riqueza ao País. Nos múltiplos aspectos da sua vida, o algarvio é forte e corajoso. Terras como o Algarve, honram um povo e dão um testemunho da fé e do espírito empreendedor, que enaltecem a raça lusitana.

TRAGÉDIA NA ÁFRICA DO SUL

A tragédia dos mineiros da África do Sul são das que enlutam a humanidade.

Não queremos saber, nem visionando-o sequer, o pavor desses desgraçados, enterrados vivos, sentindo o mundo sem o ver e que os sentia sem lhes poder acudir.

Curvemo-nos reverentes e comovidos ante a sua memória mais viva para nós ainda por entre eles se encontrarem quase 200 portugueses de Moçambique.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

O VALOR TURÍSTICO das Caldas de Monchique

(Conclusão da 1.ª página)

e que não de figurar mais tarde no museu da Estância, vieram por a descoberto os incontestáveis testemunhos do uso terapêutico das Caldas de Monchique pelos romanos durante o período da sua permanência no Algarve e confirmam a lucidez de previsão do Dr. João Bentes Castel-Branco, certa até quanto à localização do seu balneário.

Foi no fim do século XVII que os prelados algarvios começaram a administrar as Caldas de Monchique, com autorização da Coroa. Mas antes, o bispo D. Francisco Barreto que fora nomeado e tomara posse da diocese em 1636, já se interessara muito por elas.

«E, benefício dos povos, levou consigo médicos a analisar as águas termais das Caldas de Monchique, às quais El-Rei D. João II havia acudido em sua derradeira enfermidade, conhecendo quanto elas eram proveitosas para várias moléstias e por isso frequentadas de gentes até das partes remotas, assim nacionais como estrangeiras; mandou construir algumas pequenas casas para cobrir as águas e agasalhar as pessoas quando saíssem dos banhos, estabelecendo quartos com camas para acomodar os pobres e assim deu mão a este estabelecimento de que os seus sucessores sempre cuidaram e promoveram o seu melhoramento quanto podiam».

— Dom Francisco Gomes de Avelar, sagrado em 1789 Bispo do Algarve e que a Província ainda hoje venera como um dos seus mais ilustres prelados, muito se interessou também pelo Estabelecimento Termal. Mandou consertar os banhos, melhorou as estradas que lhes davam acesso, construiu uma ponte que ainda hoje existe, acrescentou-lhe por compra várias propriedades, mandou arborizar a serra, aumentou o número de quartos do hospital e disciplinou os empregados do banho.

— Em 1835, as Caldas de Monchique, passaram a ser dirigidas pelos Governadores Civis do Distrito. Dessa altura em diante, são numerosas as disposições legais trabalhos e publicações que se lhes referem. Fizeram-se também algumas obras. O Dr. Bartolomeu Poli, que esteve em Lisboa no ano de 1838, num relatório para a Sociedade Médico-Física de Florença, fala das «curas prodigiosas que se têm alcançado com os banhos de Monchique».

— A Junta Geral do Distrito de Faro, preocupada com o estado de decadência em que se encontrava o Estabelecimento, dirige-se em 1850 ao Governo da Nação, pedindo melhoramentos. Em 1860, o médico D. José Gancos escreveu sobre a sua estância um notável relatório que valeria apenas mandar-se publicar.

O Estabelecimento Termal deixou de estar dependente dos Governadores Civis em 1895, ano em que foi entregue ao Dr. Bentes Castel-Branco, por concessão que não excluía os encargos e administração do hospital. Este passou para a Câmara de Monchique, mas seis anos depois era integrado na gerência do concessionário.

Em 1929, o Governo, porque a Estância continua a pertencer ao Estado, nomeou uma comissão de técnicos para estudar as realizações que possibilitassem o seu progresso, a qual ainda apresentou um relatório. As obras aconselhadas, não chegaram, porém, a iniciar-se. Em 1932, aparece nova comissão administrativa que foi remodelada em 1936. É a que ainda continua a dirigir o Estabelecimento Termal, constituída além do seu presidente, nosso colega, por mais dois vogais íteis um dos quais também é médico e pelo director clínico.

— Em 1952, a Direcção Geral de Saúde solicitava em officio e pelas vias competentes «que, sob o aproveitamento das Caldas de Monchique lhe fossem facultados os planos de actividade da Comissão Administrativa que podessem contribuir para esclarecimentos do assunto sob os pontos de vista hidrológico e sanitário».

A resposta, depois de expôr o plano das obras necessárias e que já referi, esclarecia ainda: — A captação das nascentes, pode, desde o ano passado — 1951

—, considerar-se praticamente concluída. A água medicinal ganhou em volume de caudal, acréscimo de termalidade, riqueza de emanação e pureza bacteriológica. — O plano de urbanização parece não ter passado da fase preliminar de estudo. — Sobre o Hospital Termal não se conseguiu ainda que fosse elaborado qualquer projecto. A necessidade da sua edificação, baseada numa antiga tradição assistencial que nos fins do século XVII permitia prestar tratamento e alimentação gratuita a cerca de trezentos doentes pobres, há trinta anos a cento e cinquenta e, nos dois últimos anos, a menos de cinquenta...

— Em 10 de Março de 1956 esteve pela primeira vez nas Caldas de Monchique, em visita de trabalho, o actual Ministro das Obras Públicas. Pouco mais de três anos se passaram depois desse dia, por sua determinação, se construiu a oficina de engarrafamento de água de mesa — que vale o incomodo de uma visita pelo arranjo impecável e

qualidade de maquinaria — e que, muito em breve, iniciará a sua actividade comercial. Estão terminados os planos do novo balneário da urbanização e do abastecimento de água potável. Prossegue-se neste momento, a construção da rede de esgoto e abre-se um novo arruamento que passará junto do futuro hospital, cuja empreitada de edificação foi recentemente posta em praça e adjudicada. Correm também seus termos legais alguns processos de expropriação de terrenos, que não de permitir à iniciativa particular acompanhar a obra do Estado.

No final o Sr. Dr. José de Sousa e Costa foi vivamente aplaudido e abraçado por muitos dos seus comprovincianos tendo antes, o Sr. Dr. Marques da Mata feito a apreciação do seu trabalho em termos altamente elogiosos para o conferente.

Visado pela Comissão de Censura

PARA A HISTÓRIA DE MONTE GORDO

(Conclusão da 1.ª página)

uma ermida denominada de S. Bartolomeu, em Monte Gordo, termo de Castro Marim, datada de 14 Julho de 1689.

Se pusermos em dúvida a doação de terras dadas a Vasco Lourenço e sua mulher, não podemos pôr em dúvida a edificação da capela hoje existente, de N. S. das Dores, refúgio dos que soírem, ou dos que em terra, nas noites ou tardes de angústia, imploram a benção de Deus para os que lutam vigorosamente nas ondas encapeladas, tentando retirar do mar bravio o seu ganha pão.

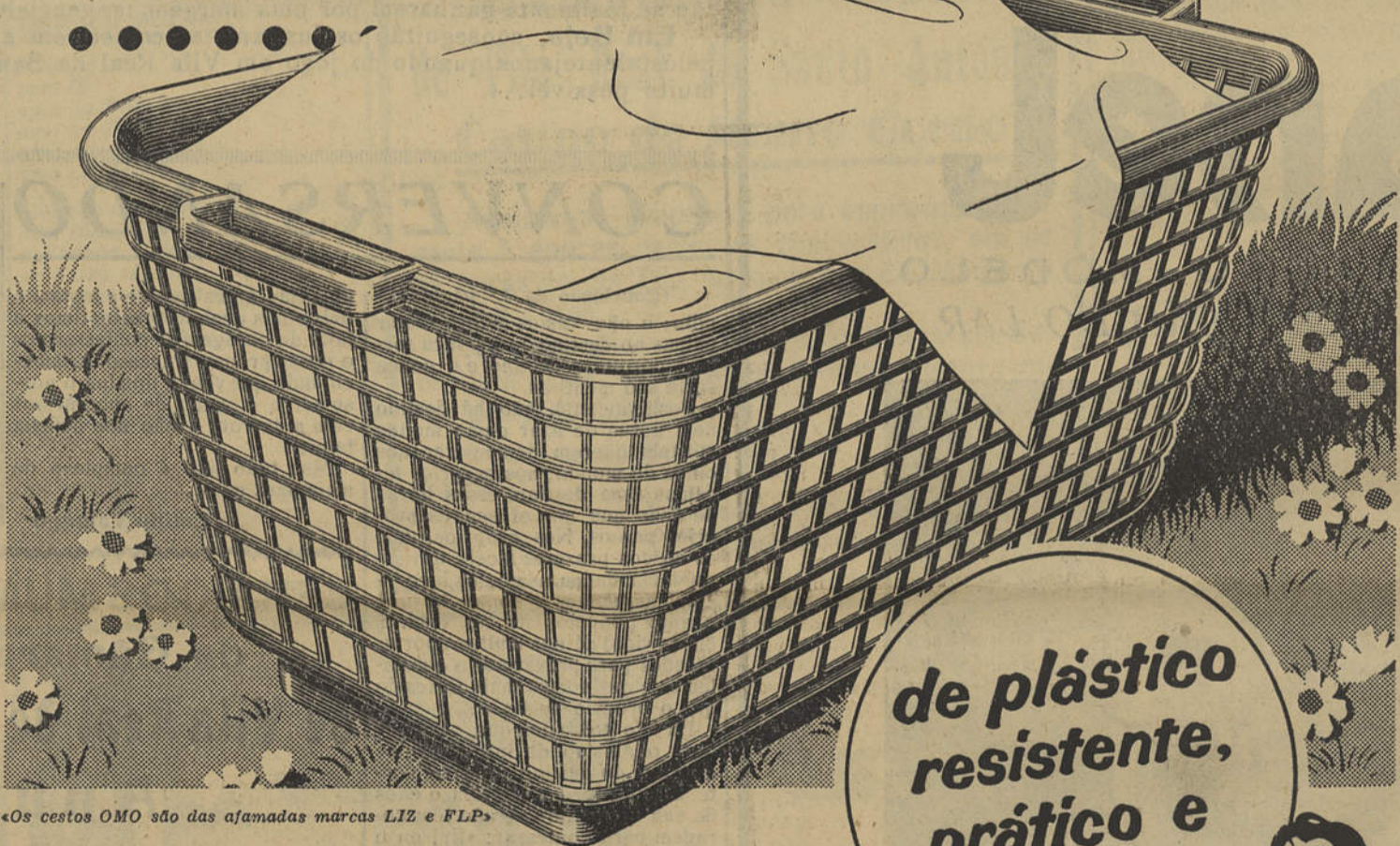
Monte Gordo, pouco a pouco em desenvolvimento metódico, tem-se modificado e enobrecido. E serão nestes simples apontamentos e subsídios para a história de Monte Gordo que se seguirão, que desejaremos recordar o passado, para visão clara e empolgante do futuro, que por mereça das suas condições, do seu clima e da sua situação privilegiada, ocupa hoje e ocupará com mais firmeza o lugar que lhe pertence como: Rainha das Praias Portuguesas!

(continua)

1.ª OFERTA de 1960!

CESTO para ROUPA

OMO



«Os cestos OMO são das afamadas marcas LIZ e FLP»

em troca de 3 tampas grandes de OMO (ou 6 normais) e apenas 19\$50.

Omo recomeça a sua grandiosa campanha de ofertas com o mais sensacional e útil brinde de todos os tempos — um maravilhoso cesto de plástico, único no mercado, ideal para transportar e conservar impecável a sua roupa lavada com Omo! Seja uma dona de casa moderna e económica. Entregue já ao seu fornecedor 3 tampas grandes ou 6 normais de Omo * e apenas 19\$50, O seu cesto para roupa Omo (no valor de 60\$00) espera por si.

* Só são válidas as tampas com as palavras «Para abrir carregue aqui».

OMO lava mais branco

60-OM-CR1

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA-SACAVÉM

de plástico resistente, prático e leve!

